

## Catequeses Teresianas

### XIX

Se nas quintas Moradas o caminhante participava do dom de Jesus na sua paixão, nas sextas faz experiência dos discípulos entre a morte e a ressurreição do Mestre. Teresa, tão afeiçoada a meditar o mistério da paixão e morte de Jesus, agora, a partir dos alvares do seu renascimento pessoal por meio do amor, começa a compreender por experiência a importância da ressurreição. As sextas são as moradas do desejo de amar insatisfeito; encontram a sua expressão mais genuína nas boas acções a favor do próximo. Descrevem o chamado «desposório espiritual», de clara inspiração antropológica e bíblica. Nelas entram os que se decidem a aprender a amar irreversivelmente Deus e o próximo, Deus no próximo, aqueles que só a Deus e ao amor deixam preencher o vazio deixado pela morte do seu velho *eu* narcisista

Uma característica deste passo do caminho espiritual é o das chamadas «falas», locuções de Jesus a Teresa. Eram palavras muito a propósito da circunstância vivida. Estando interiormente alvoroçada, ouvia: “não tenhas pena”. Estando aflita, escutava: “Sou eu, não tenhas medo; desaparece todo o medo e fica consoladíssima” (6M 3,5). Estando cansada ouvia: “não tenhas medo, filha, que sou eu e não te desampararei; não temas” (*Vida* 25,18). A quem pareça estranho, este fenómeno compreende-se à luz da simples realidade. Teresa levou anos meditando a palavra de Deus. Escutou-a do próprio Jesus nos evangelhos, na leitura pessoal e na liturgia. A recitação rotativa dos salmos foi deixando lastro na memória e na consciência, um rosário de frases da Bíblia que às vezes sentiu como dirigidas vivamente a si própria, por responderem à circunstância desse momento existencial. Tendo-as escutado muitas vezes, tornaram-se parte constitutiva da sua vida. Num dado momento, uma determinada frase emerge à superfície da consciência. Estamos perante uma «locução» divina (6M 4,3-7). A legitimidade desta interpretação funda-se no facto de efectivamente serem palavras que correspondem à de Deus, à letra ou ao sentido, ou estão em sintonia com ela. Não há grande diferença entre estas «falas» e o resultado da meditação e rememoração da palavra de Deus na *lectio divina* dos monges da Idade Média.

Compreende-se então que nas «falas» de Teresa abundem reminiscências bíblicas. De tanto comungar com a Sagrada Escritura, a palavra de Teresa acaba por parecer-se à de Jesus. E um critério para discernir a autenticidade das «falas» é precisamente – diz Teresa – que estejam “muito conforme à Sagrada Escritura”; de não ser assim, “não façais mais caso delas do que se as ouvísseis ao próprio demónio” (6M 3,4). Teresa faz o discernimento delas recorrendo a textos bíblicos: ao da escada de Jacob (6M 4,6), à visão de Moisés da sarça-ardente no monte de Deus (6M 4,7).

*P. Armindo Vaz, OCD*